

## TENDÊNCIAS E DESAFIOS: UMA EXPLORAÇÃO DA IMAGOLOGIA NA LITERATURA COMPARADA

### TRENDS AND CHALLENGES: EXPLORATION OF IMAGOGY IN COMPARATIVE LITERATURE

**Maria Iara Zilda Návea da Silva Mourão<sup>1</sup>**

**ROR** Universidade Federal do Piauí/ Universidade de São Paulo

 mariaiaramourao@gmail.com



**RESUMO:** O presente artigo pretende oferecer uma análise sobre o desenvolvimento e as potencialidades da Imagologia na Literatura Comparada. Explorando-se as nuances da Imagologia, examina-se como as representações simbólicas e estereótipos culturais são empregados no texto literários para transmitir significados sutis e complexos. Além disso, o trabalho destaca os desafios inerentes à interpretação e análise dessas imagens, considerando o contexto cultural, histórico e social. A pesquisa não apenas identifica padrões recorrentes, mas também questiona as limitações e implicações éticas associadas à construção de imagens na literatura comparada. Este estudo pretende contribuir para o entendimento da interseção entre literatura e imagem, oferecendo uma visão crítica da Imagologia e possibilidades de mais estudos no Brasil a partir dessa teoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagem; Outro; Literatura Comparada; Representações Culturais; Imagologia.

**ABSTRACT:** This chapter seeks to provide an in-depth analysis of the development and potential applications of Imagology within Comparative Literature. By exploring the subtleties of Imagology, the study examines how symbolic representations and cultural stereotypes are employed within literary texts to convey nuanced and complex meanings. Additionally, this work underscores the interpretative challenges and analytical demands inherent to these images, especially when considering their cultural, historical, and social contexts. The research not only identifies recurring patterns but also interrogates the limitations and ethical implications associated with image construction in comparative literature. This study aims to advance understanding at the intersection of literature and imagery, offering a critical perspective on Imagology and suggesting avenues for further research within the Brazilian academic context.

**KEYWORDS:** Image; Other; Comparative Literature; Cultural Representations; Imagology.

REVISTA  
**Decifrar**

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 26 (Jan-Jun/2025)

#### Informações sobre os autores:

1 Doutoranda em Letras Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Letras - Literatura pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Letras Português-Francês e suas respectivas Literaturas pela mesma instituição. Participou do Programme d'échange d'assistants de langue vivante (2018-2019), promovido pelo antigo Centre international d'études pédagogiques (CIEP), atualmente France Éducation internationale (FEI), como professora assistente de língua portuguesa no ensino básico francês por um ano letivo. Atualmente, integra o Grupo de Pesquisa em Teorias do Espaço Ficcional (UFPI).

 10.29281/rd.v13i26.16371

#### Fluxo de trabalho

Recebido: 27/10/2024

Aceito: 10/06/2025

Publicado: 03/07/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

**Plagius**



## INTRODUÇÃO

A Imagologia é um ramo da Literatura Comparada que estuda as representações de países estrangeiros na literatura. Essa abordagem esteve nas bases da criação da Literatura Comparada no século XIX na Europa, mas foi desacreditada em meados do século XX pelo New Criticism norte-americano sob a acusação de se preocupar demasiadamente com aspectos extraliterários, mais relacionados a outras áreas das ciências humanas. As críticas não impediram a Imagologia de continuar desenvolvendo-se, mesmo que tenham impactado na sua difusão pelo mundo e contribuído para mudanças teóricas metodológicas.

Se, antes do New Criticism, a Imagologia preocupava-se de algum modo em constatar a validade da correspondência entre imagens literárias e as realidades representadas, atualmente, estudos imagológicos podem empenhar-se na desmistificação dessas imagens, entendendo-as como avaliações sobre a cultura estrangeira e não fatos constatáveis. Outro caminho possível para a Imagologia hoje é o estudo que parte da análise de imagens literárias do estrangeiro rumo a um entendimento mais amplo do imaginário social de seus produtores. Ou seja, a imagem, por ser uma criação artística de autoria unilateral, revela mais de quem escreve do que de quem é retratado.

A Imagologia, enquanto campo de estudo que se dedica à análise das representações de povos e terras estrangeiras na literatura, tem suas raízes históricas remontando ao século XVIII na Europa. Este fenômeno ganhou destaque no século XIX, influenciando os estudos literários ao utilizar estereótipos nacionais como princípios para compreender fenômenos literários.

Apesar do crescente interesse acadêmico em abordagens interdisciplinares nas pesquisas literárias no Brasil, a Imagologia permanece relativamente subexplorada no cenário acadêmico nacional. Enquanto diversas correntes críticas têm ganhado destaque, a Imagologia, enquanto ferramenta de análise que investiga as representações de identidades culturais por meio de imagens literárias, ainda não recebeu a devida atenção. Este trabalho busca preencher essa lacuna ao direcionar o foco para o uso limitado da Imagologia no contexto brasileiro, identificando as razões dessa ausência e defendendo sua relevância para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas culturais e literárias. Ao reconhecer esse hiato e propor a expansão do uso da Imagologia, este estudo busca contribuir para a diversificação e aprimoramento das abordagens críticas no cenário acadêmico brasileiro.

## 1 A IMAGOLOGIA NAS RAÍZES DA LITERATURA COMPARADA

A referência a povos e terras estrangeiras no texto literário remonta a tempos longínquos, porém o estudo imagológico dessas representações só apareceu por volta do século XIX. Os especialistas distinguem diferentes fases no desenvolvimento histórico da Imagologia. Segundo Leerssen (2007), é possível fazer uma arqueologia dessa corrente crítica já a partir do século XVIII na Europa, época em que a sua organização política em nações estava mais consolidada e se começava a pensar cada vez mais nas diferenças entre os povos. Nesse período, intelectuais iluministas, como Montesquieu, Hume e Voltaire, procuravam sistematizar e aprofundar ideias sobre as nações, que antes eram veiculadas pelos populares substancialmente em anedotas e piadas.

Ainda que não se falasse em Imagologia, esses estudos já descreviam as diferenças entre nações e culturas, abrindo caminho ao comparativismo em ciências humanas nas universidades europeias do século XIX. Nesse contexto, os conceitos de cultura e nação estavam imbricados, pressupondo-se que a cultura (marca distintiva de uma nação) era determinada por uma individualidade caracterizadora subjacente a cada país. Leerssen (2007) explica que os estudos literários a partir da metade do século XIX, influenciados por esse paradigma, tinham os estereótipos nacionais como princípios para o entendimento dos fenômenos literários, mas nunca como tópicos de investigação:

The literary criticism of mid-century scholars, inspired by the achievements of Comparative Linguistics, explain literary traditions from ethnic temperaments, which in turn are presented, in un-argued, a priori form as ‘received knowledge’ and common consensus, that is to say: on the basis of current stereotypes and images. [...] Literary history is thus a form of studying the nation’s true character as expressed in its cultural history. (Leerssen, 2007, p.19)<sup>1</sup>

Nesse período, a Imagologia literária coincidia com uma psicologia dos povos, cujo objetivo era reconhecer na literatura de um povo a sua identidade. Segundo Sousa (2004, 2011), um dos representantes desse período era o historiador francês Hippolyte Taine, que acreditava ser possível traçar o perfil psicológico de um povo ou de um grupo social a partir da investigação de sua criação literária e compará-la com a de outros grupos ou povos. Para ele, a literatura tinha a capacidade de veicular o comportamento humano, que era mecanicamente determinado pelas variáveis meio, raça e momento histórico. Ou seja, a partir da literatura seria possível capturar a essência imutável de cada povo, produzindo

<sup>1</sup>A crítica literária de estudiosos de meados do século, inspirada nos avanços da Linguística Comparativa, explica as tradições literárias de temperamentos étnicos, que por sua vez são apresentadas, de forma não argumentada, a priori como ‘conhecimento recebido’ e consenso comum, ou seja: com base em estereótipos e imagens da época. [...] A história literária é, portanto, uma forma de estudar o verdadeiro caráter da nação expresso em sua história cultural. (Leerssen, 2007, p.19 - tradução nossa)

conhecimentos estáveis sobre ele. Conforme Leerssen (2007), o positivismo-determinista das ideias de Taine foi criticado por seus próprios adeptos, como Ernst Renan, permitindo que a ideia de nacionalidade pudesse ser vista de modo mais historicizado. Assim, as diferenças culturais e a diversidade entre nações passam a ser entendidas como produtos de escolhas e circunstâncias variadas e não como fruto de fatores naturais.

A historização do conceito de nacionalidade não foi suficiente para que os estudos literários da primeira metade do século XX deixassem de considerar sua existência ontológica. Nessa época, correspondente à segunda fase da Imagologia (SOUSA, 2004) e denominada de proto-imagologia (Leerssen, 2007), os estudos que buscam descrever a representação de uma dada nação na literatura se popularizam na França, na Alemanha e nos Estados Unidos. Tenta-se, também, entender a transformação das imagens de uma nação ao longo da História Literária. Entre os teóricos dessa época, destaca-se o francês Jean-Marie Carré, que defendia o princípio de que alguns escritores conseguiriam captar a essência de um povo estrangeiro produzindo imagens literárias verdadeiras, enquanto outros construíam imagens mais distanciadas da realidade estrangeira. Sousa (2004) indica como ponto nevrálgico da ideia de Carré “o problema das generalizações, dos critérios usados para falar de verdadeiras e falsas imagens de países e, sobretudo, o fato de que as imagens de países não são passíveis de ser reduzidas e enformadas numa tipificação dicotômica” (Sousa, 2004, p. 57). Desse modo, Carré e outros estudiosos dessa época avançaram no sentido de reconhecer que as imagens sobre uma nação podem mudar através do tempo e de acordo com os desígnios do escritor, mas falharam por continuar acreditando que o estudo das imagens literárias de nações levaria a constatações válidas sobre as próprias nações. Além disso, Leerssen (2007) adverte que muitos estudos produzidos nessa época eram apenas uma anotação bibliográfica temática, já que tentavam listar os vários temas relacionados a um tipo nacional no transcorrer dos séculos. Por outro lado, o teórico acredita que esses estudos podem ser uma fonte importante para a pesquisa imagológica atual, pois trazem ricos quadros das mudanças de práticas literárias e valores culturais, mostrando a grande variabilidade dos estereótipos nacionais.

## **2 NEW CRITICISM E A TRANSFORMAÇÃO DA IMAGOLOGIA: UM OLHAR A PARTIR DAS REFLEXÕES DE RENÉ WELLEK E HUGO DYSERINCK**

A insistência em afirmar a possibilidade de traçar um quadro exato de determinada nação através da literatura e outras pretensões de cunho positivista da crítica literária francesa soaram problemáticas nos Estados Unidos, onde se desenvolvia o *New Criticism* nos anos de 1950 e 1960. Nesse contexto, René Wellek aparece como o arauto dos problemas desencadeados pelos estudos literários franceses para o campo da Literatura Comparada. Em “A crise da Literatura Comparada”, o autor cita diretamente estudos de

Jean-Marie Carré e Fernand Baldensperger, dentre uma série de outros, para identificar os pontos frágeis dos estudos literários da época: “uma demarcação artificial de seu objeto de estudo e de sua metodologia, um conceito mecanicista de fontes e influências, uma motivação ligada ao nacionalismo cultural[...]” (Wellek, 2011, p. 127).

Como já foi dito anteriormente, a Imagologia, enquanto estudo do elemento estrangeiro na literatura, é um ramo da Literatura Comparada, mas, a partir do texto de Wellek, houve uma consciência de que era necessário estabelecer uma distinção mais profícua entre a Literatura Comparada e os estudos imagológicos. Ao falar da demarcação artificial do objeto, Wellek estava se referindo diretamente à diferença entre Literatura comparada e Literatura geral adotada pelos estudiosos franceses. Para eles, a primeira permitiria a realização de estudos relacionando diferentes nações, enquanto a segunda abarcaria os estudos da literatura nacional. Essa demarcação era frágil porque restringia o campo de ação do estudioso de literatura e contrariava a concepção de literatura de Wellek. Esse aspecto foi muito bem observado por Sandra Nitrini em seu volume **Literatura comparada**:

Para ele [René Wellek], a literatura comparada tinha-se limitado, até então, a estudar mecanicamente as fontes e as influências, as relações de fato, a fortuna, a reputação ou a acolhida reservada a um escritor ou a uma obra e as causas e consequências deterministas das produções literárias, sem nunca se ter preocupado em desvendar o que tais relações supõem ou poderiam mostrar no âmbito de um fenômeno literário mais geral, a não ser mostrar o fato de que um escritor leu ou conheceu outro escritor. O que não tem sentido para quem concebe as obras de arte não como somas de fontes e influências, mas como ‘conjuntos em que a matéria-prima vinda de outro lugar deixa de ser matéria inerte e passa a ser assimilada numa nova estrutura’. (Nitrini, 2015, p. 34)

Desse modo, Wellek evidenciou a obsolência da metodologia utilizada pela Literatura Comparada na Europa, que privilegiava em excesso os aspectos histórico, social e político e negligenciava as especificidades do texto literário. Na sua concepção, os estudos de fontes e influências eram considerados inadequados porque estabeleciam relações mecânicas e mal justificadas de causa e efeito, muitas vezes a serviço da necessidade dos próprios teóricos em exaltar a sua nação através da repercussão das obras nacionais em outros países.

Pode-se dizer que o impacto da crítica de Wellek sobre os estudos da Imagologia foi substancial. Leerssen (2007) destaca que, como consequência, houve uma tendência, durante os anos 1960 e 1970, ao abandono dos estudos imagológicos, que antes eram praticamente sinônimo do comparatismo nos estudos literários. Isso parece ter repercutido no Brasil, onde o campo da Literatura comparada está bastante desenvolvido, mas pouco se

utiliza a Imagologia como aporte teórico-metodológico para teses, dissertações e artigos. Por outro lado, Moll (2002) observa a pertinência das críticas de Wellek por destacar problemas básicos da Imagologia. Foi a partir da superação dos problemas apontados pelo teórico austríaco que esse ramo do comparatismo adquiriu novo fôlego a partir dos anos 1960. Mesmo que as críticas de Wellek tenham sido parcialmente consideradas, a Imagologia não se deixou levar por suas declaradas despolitização e universalização da investigação literária, conservando a centralidade de seu objetivo ético-político e a reflexão sobre o conceito de “nação” (Moll, 2002, p. 335-336).

Entre os estudiosos que deram continuidade aos estudos imagológicos após as críticas de Wellek, destaca-se o belga Hugo Dyserinck, do Departamento de Comparatística da Universidade de Aachen, na Alemanha. Em 1966, com seu artigo “O problema das *imagens* e *miragens* no âmbito da literatura comparada” (Dyserinck, 2005), o crítico realizou uma espécie de revisão teórica da Imagologia. Dyserinck pauta sua argumentação em uma reformulação às indagações dispostas por Wellek em “A crise da literatura comparada”:

A questão, que deveria ter sido esclarecida, não consistia nem, por um lado, na alternativa entre o método aplicado por Carré em *Les écrivains français et le mirage allemand* nem, por um outro, na desistência total em pesquisar a imagem do outro país na literatura; a pergunta deveria ser antes de tudo: a pesquisa das miragens e imagens tem ainda algum sentido para a pesquisa literária em geral ou para a literatura comparada em particular, algum sentido que não tenha nada a ver com aspectos primariamente sociais, psicológicos nacionais ou políticos, ou seja, existe uma pesquisa das miragens e imagens útil ou necessária dentro do âmbito de uma literatura comparada autônoma? (Dyserinck, 2005)

Nesse artigo, Dyserinck se contrapõe diretamente à crítica de Wellek, uma vez que destaca a importância do estudo das imagens do estrangeiro (muitas vezes central para a estruturação do discurso literário) para uma análise intrínseca da literatura. Outro ponto questionado neste trabalho se refere à confusão entre Imagologia e outras disciplinas gerada a partir da leitura do texto de Wellek. Segundo o autor, a Imagologia nunca deveria se confundir com outras disciplinas das ciências humanas, já que ela trata da complexidade das ideias sobre uma nação delineadas no texto literário. Verificar se as imagens correspondem à realidade ou determinar quais são as mais ou menos corretas, como pretenderam os estudos imagológicos anteriores à segunda metade do século XX, não pode fazer parte do escopo da Imagologia. Seu objeto é a imagem, não os enunciados a partir dos quais ela se forma. Para Dyserinck e seus continuadores, as imagens são formadas por discursos circulantes nas sociedades capazes de constituir padrões de

identificação nacional (Leerssen, 2007, p. 23). Desse modo, é infrutífero estabelecer a distância entre a realidade empírica e as representações literárias.

Nessa esteira, Leerssen (2007) constata que as imagens literárias de nações influenciam o mundo empírico, mas não são criadas a partir dele. Elas são formadas no campo do imaginário e da poética, como boatos ou lugares comuns, construídas e disseminadas através do discurso literário e, atualmente, de discursos midiáticos. Quando um escritor constrói a imagem de uma nação estrangeira, é a outros textos, literários ou não, que ele toma por referência. Ou seja, a concepção imagológica de Leerssen (2007) enfatiza a intertextualidade na construção de imagens estrangeiras. Desse modo, a Imagologia não deveria lidar com sentenças que exprimem relações observáveis ou constatações de fatos como os que estão expressos em orações do tipo “A França é uma república” ou “A França é um país europeu”. O objeto da Imagologia seria os discursos imaginados amplamente difundidos, como o que transparece a partir da oração “Franceses são individualistas”. Leerssen (2007) alerta para a dificuldade em estabelecer fronteiras entre as constatações empíricas e o discurso imaginado, mas destaca duas características principais dessa última concepção: “[a] singles out a nation from the rest of humanity as being somehow different or atypical, and [b] articulates or suggests a moral, collective-psychological motivation for given social or national features.” (Leerssen, 2007, p. 28)<sup>2</sup>.

Segundo Dyserinck, outros princípios teóricos da Imagologia que precisam ser levados em consideração dizem respeito ao papel desmistificador das imagens e a necessidade de uma “neutralidade cultural” do imagologista. Na tentativa de afastar a reputação de que a Imagologia estaria a serviço de interesses nacionalistas dos próprios teóricos, Dyserinck, em textos posteriores, defende a possibilidade de a Imagologia desmistificar as ideologias sob as quais se assentam as imagens literárias. Para que isso ocorra, é necessária uma atitude de “neutralidade cultural” por parte dos pesquisadores, que não poderiam levar em consideração suas próprias ideias e sua identidade nacional e cultural. Amparada pelas teorias da recepção que põem em evidência a importância do leitor na compreensão do texto literário, Sousa (2004, p. 73-74) alerta para a dificuldade de se manter essa “neutralidade cultural”. Para a autora, a Imagologia se enriqueceria mais lidando e discutindo os vieses inevitáveis impostos por todas as leituras possíveis:

Só neste processo, talvez mais penoso e complexo de controlar, seja possível a aproximação ao outro e a aproximação do outro em relação a nós. E este processo encontra acolhida num outro conceito mais recente: o de ‘entre-lugar’, o de ‘terceiro espaço’, onde precisamente se estabelece o lugar de negociação. (Sousa, 2004, p. 73-74)

<sup>2</sup> [a] distingue uma nação do resto da humanidade como sendo de alguma forma diferente ou atípica, e [b] articula ou sugere uma motivação moral, psicológica coletiva para determinadas características sociais ou nacionais.” (Leerssen, 2007, p. 28 - tradução nossa)

Moll (2002), a partir do estabelecimento de relações entre Imagologia e Teorias pós-coloniais, também vê a ideia de “neutralidade cultural” com restrições. Segundo a autora, imagologistas e teóricos pós-coloniais têm em comum a preocupação com a questão da identidade, mas ambos a tratam de forma diferente exatamente em relação à posição do pesquisador frente a sua própria identidade. Assim, ela entende que a posição neutral dos imagologistas europeus foi útil no contexto dos conflitos na Europa do século XX, mas que, atualmente, não se pode subestimar os diálogos com os comparatistas pós-coloniais por conta desse princípio:

Estos últimos tienden, por el contrario, a colocar en primer plano su propia pertenencia cultural y a declararse abiertamente, efectuando así la elección política y «práctica» de denunciar el euro-centrismo y de inventar y favorecer nuevas vías de expresión crítica y literaria, alternativas a las europeas y norteamericanas. Una elección con la que una imagología que se proponga de verdad objetivos ético-políticos, debe necesariamente medirse. (Moll, 2002, P. 374)<sup>3</sup>

Como os apontamentos de Moll (2002) e Sousa (2004) promovem um avanço no campo da Imagologia atualmente, as análises operacionalizadas nesta pesquisa se alinham aos pressupostos teóricos defendidos pelas autoras. No entanto, é preciso destacar que conceitos importantes e passos metodológicos operacionais surgiram a partir dos preceitos de Dyserinck.

Entre eles, destaca-se o conceito de imagotipos, heteroimagens e autoimagens. Segundo Sousa (2004), o conceito de imagotipo é usado em substituição ao de estereótipo, que se refere a concepções mais estáveis de estrutura e significado usados pelas pessoas para compreender o que consideram estrangeiro. Já os imagotipos são imagens que podem manter sua essência inalterada, mas manifestam-se na obra literária de modo diverso, apresentando múltiplas nuances representativas. A partir do estudo desses imagotipos pode-se chegar às ideologias que lhe deram origem. Romero (2005), em uma tentativa de definir melhor alguns termos da Imagologia, afirma que o imagotipo não é apenas a imagem, mas uma interação entre estereótipos, preconceitos e imagens. O autor também ressalta que os imagotipos não são uma representação direta da realidade, mas uma criação linguística. Por isso, a partir das ideias de Paul Ricoeur e Jean-Marc Moura, Romero (2005) afirma que os imagotipos possuem uma função ideológica (visto que reproduzem uma ideologia dominante) ou uma função utópica (visto que abrem espaço para novas ideias sobre determinado país ou cultura).

<sup>3</sup> Estes últimos [os comparatistas pós-coloniais], pelo contrário, ao colocar em primeiro plano sua própria pertença cultural e a declara-se abertamente, efetuando assim uma escolha política e ‘prática’ de denunciar o eurocentrismo e de inventar e favorecer novas vias de expressão crítica e literária, alternativas às europeias e norte-americanas. Uma escolha com a qual uma imagologia que se proponha de verdade a atender a objetivos éticos-políticos deve necessariamente preocupar-se. (Moll, 2002, p. 374 - tradução nossa)

A concepção de imagotipo acaba por gerar outros conceitos a ele diretamente relacionados, como as heteroimagens, que são os imagotipos construídos para representar uma cultura estrangeira, e as autoimagens, que são imagotipos construídos para representar a cultura autóctone. Segundo Dyserinck (2005b), as autoimagens e as heteroimagens estão fortemente relacionadas porque o desenvolvimento de uma se dá juntamente com o cultivo da outra. Leerssen (2007), por sua vez, alerta para a complexidade na identificação de heteroimagens e autoimagens, porquanto não se possa negligenciar o aspecto perspectival desses dois conceitos. Uma cultura que produz autoimagens ou é alvo de heteroimagens pode ser composta por grupos heterogêneos. Desse modo, é preciso levar em consideração o perfil de quem está produzindo o discurso imagotípico.

A partir dessa breve apresentação dos princípios da Imagologia desenvolvida a partir de Hugo Dyserinck, constata-se que o elemento central dessa abordagem é o texto literário. No entanto, as críticas de Wellek à Literatura comparada mudaram os rumos da Imagologia também na França a partir dos anos 1980. Nesse contexto, o estudioso Daniel-Henri Pageaux destaca-se como continuador dos estudos imagológicos e responsável por sua reformulação teórica e metodológica a partir de uma aproximação declarada com outras áreas, como a Antropologia e a História das mentalidades.

### 3 DIVERGÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES: PAGEAUX E A NOVA IMAGOLOGIA

A Imagologia, a partir de Pageaux, segue um caminho que parte do texto literário para o imaginário cultural que lhe deu origem. Isso porque, para esse autor, a imagem estrangeira é formada a partir de um processo de literalização (remetendo a sua construção literária), mas também de socialização (remetendo aos fenômenos sociais que contribuíram para sua construção). Assim, a imagem, como representação do estrangeiro, é entendida como um conjunto de ideias que se entrecruzam de forma complexa, mas sem deixar de revelar e esclarecer “o funcionamento de uma sociedade em sua ideologia, em seu sistema literário (quem escreve, o que e como se escreve sobre o Outro) e em seu imaginário (que não pode ser outro senão o próprio imaginário social)” (Pageaux, 2011, p.110). Diante dessa expansão, os objetos de estudo da Imagologia francesa atual são bastante diversificados, abarcando textos da paraliteratura<sup>4</sup>, a literatura de viagem e o estudo da recepção de obras literárias em países estrangeiros e outros discursos.

Tanto o estudo da recepção, quanto o da literatura de viagem remetem aos estudos imagológicos franceses tradicionais anteriores à segunda metade do século XX, que se voltavam com muita frequência para esses gêneros literários. No entanto, a Imagologia

<sup>4</sup> No texto *De l'imagerie culturelle au mythe politique: Astérix le Gaulois* (1981), Pageaux realizou a análise da autoimagem dos franceses a partir das histórias em quadrinhos *Astérix*, de Albert Uderzo e René Goscinny.

francesa atual, assim como os estudos imagológicos que seguem os preceitos de Dyserinck, não busca distinguir as imagens falsas das verdadeiras. Por isso, trabalha-se hoje com a hipótese de que toda imagem se origina de uma tomada de consciência de um Eu em relação a um Outro, da existência de modos de vida diferentes:

[...] a imagem é a expressão, literária ou não, de um distanciamento significativo entre duas ordens de realidade cultural. A imagem é a representação de uma realidade cultural estrangeira por meio da qual o indivíduo ou o grupo que a elaborou (ou que a partilham ou que a propagam) revelam e traduzem o espaço social, ideológico, imaginário nos quais querem se situar (Pageaux, 2011, p. 111)

Logo se percebe que a proposta de Pageaux concebe a Imagologia para além do domínio literário. A imagem é entendida como um aspecto cultural, que pode se manifestar em discursos não literários, capaz de revelar como uma alteridade é vista por uma identidade, ao mesmo tempo que essa identidade está construindo a si mesma. Por isso, não importa tanto a veracidade do que está sendo representado através da imagem, mas antes a lógica por trás de sua elaboração. No caso da literatura, Pageaux (2011) destaca a busca pela compreensão dos fundamentos da escrita e do imaginário como objetivo primeiro da pesquisa imagológica. Tendo esse propósito em vista, entende-se como os estudos de Pageaux diferenciam-se daqueles praticados por Dyserinck. Enquanto o primeiro busca reconstituir os elementos que constroem uma escritura da alteridade, quase traçando uma história do imaginário, o segundo pretende evidenciar as estruturas imagotípicas nos textos literários (Moll, 2002). Assim, a busca pelo entendimento da lógica da escrita ultrapassa o exame das imagens literárias para intentar compreender os modos como uma cultura define a si mesma em relação às outras.

Os estudos de Pageaux já tentaram sanar algumas críticas anteriormente conferidas à Literatura comparada europeia, que era acusada de centrar-se demasiadamente em aspectos extraliterários. Por conseguinte, hoje em dia, o estudo da imagem literária é passível de revelar aspectos sociais, mas sem com isso negligenciar as especificidades do fato literário. Levando em consideração esse preceito, Pageaux (2011) apresenta um procedimento hermenêutico, que parte do texto literário em direção aos dados extraliterários que o constituíram. Desse modo, ele institui um roteiro de pesquisa que começa pela análise do léxico usado para se falar do outro no texto literário. Nesse primeiro momento, observa-se aspectos como o campo lexical, o uso de palavras em língua estrangeira e as adjetivações. Em seguida, passa-se ao exame das sequências narrativas, a partir das quais se observa o conjunto de relações hierarquizadas organizadas para constituir a imagem do outro. Textualmente, serão analisados nessa etapa o quadro espaço-temporal em que o Outro é situado, o sistema de personagens do qual se dispõem para caracterizar o Outro e opô-lo

a si mesmo e, finalmente, as afirmações e omissões articuladas no texto sobre a cultura do Outro na sua dimensão antropológica. Estabelece-se, então, um sistema de qualificação diferencial (baseado nas oposições percebidas no texto literário) operante em determinada representação do estrangeiro. Depois disso, o percurso hermenêutico de Pageaux esbarra na análise do significado social e cultural dos elementos que compõem esse sistema, bem como nas razões pelas quais o escritor os escolheu para compor sua imagem do outro. É preciso dizer que, nesse nível da investigação, o objetivo não é estabelecer o confronto mecânico entre texto e contexto, mas compreender como determinada imagem literária se relaciona com o imaginário da sociedade que lhe deu origem:

Trata-se de ver se o texto literário está ou não em conformidade com uma certa situação social e cultural; ver também a que tradição cultural, ideológica, o texto corresponde (daqui a ligação inevitável entre literatura e história, ou antes, entre produção textual e processo histórico); ver em que campo do saber, do poder se situa o texto em questão, a que sector sociocultural pode dirigir-se prioritariamente; em suma, ver como se articulam a representação literária do estrangeiro e a cultura que ‘olha’ (Machado; Pageaux, 2001, p. 59)

Segundo Moll (2002), a metodologia empregada por Pageaux é bastante sofisticada e exige um bom conhecimento de outras disciplinas. Ela vem sendo aplicada em estudos sobre as relações interculturais entre a França e outros países europeus (como a Espanha e Portugal), mas também entre Europa e América Latina. O estudioso Jean-Marc Moura, por exemplo, dedica-se aos problemas do colonialismo nas representações literárias francófonas.

Em suma, apesar do histórico conflituoso, a Imagologia atualmente é campo consolidado na Literatura Comparada, propondo-se a dialogar com outras disciplinas e a estabelecer conexões com outras tendências dos estudos literários, como “*cultural studies*, teoria literária norte-americana; a crítica pós-colonial, a mitocrítica, os estudos de recepção e as pesquisas sobre a noção de espaço literário” (Moura *apud* Camargo, 2006). Segundo Simões (2011), a relação da Imagologia com outras áreas das ciências humanas, antes tida como um de seus pontos frágeis, não deve permitir que ela perca o foco de sua proposta basilar, que é a análise do Outro no texto literário:

É neste terreno interdisciplinar que a Imagologia literária deve lançar as suas raízes; mas ganhar-se-á em clareza quanto à percepção de como a Imagologia se deve ligar a este substrato se se aplicar o modelo epistemológico rizomático proposto por Deleuze (2006:21). Com efeito, aproveitando a lição do filósofo é possível pensar a Imagologia como desenvolvendo o seu próprio caule alimentado pelos diversos contributos disciplinares e expandindo-se na exploração de diversas folhas temáticas, isotópicas e imagotípicas. (Simões, 2011, p. 35)

Nesse sentido, atualmente a Imagologia literária continua a se interessar pelos imagotipos, ou seja, por imagens de nações e povos veiculadas pelos textos literários. No entanto, não coloca como questão principal a correspondência entre a imagem e a realidade, mas sim os processos a partir dos quais essas imagens se articulam na criação literária.

Pode-se afirmar, portanto, que em função de toda a sua trajetória (na qual se promoveu o diálogo com outras disciplinas, sem perder de vista a especificidade da literatura), a Imagologia figura hoje como um profícuo mecanismo de leitura do texto literário, sobretudo porque leva em consideração questões de alteridade e diversidade cultural - aspectos de suma importância para o contexto da sociedade contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da Imagologia revela um percurso desafiador e dinâmico, desde suas origens no século XVIII até sua revitalização e consolidação contemporânea. Superando críticas e adaptando-se aos avanços teóricos, o campo evoluiu para além da demarcação artificial entre Literatura Comparada e estudos imagológicos, buscando uma compreensão mais profunda das representações culturais estrangeiras. A influência de pensadores como Wellek e a posterior reformulação proposta por estudiosos como Hugo Dyerinck e Daniel-Henri Pageaux contribuíram para uma Imagologia mais sofisticada e interdisciplinar. Hoje, a Imagologia se destaca como um mecanismo profícuo de leitura do texto literário, considerando não apenas a correspondência entre imagem e realidade, mas também os processos intrincados que moldam as representações culturais na criação literária. Sua capacidade de dialogar com diversas disciplinas e explorar temáticas imagotípicas a posiciona como uma abordagem valiosa para a compreensão da alteridade e da diversidade cultural no contexto literário contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Katia Aily Franco de. A imagologia e seus teóricos. **Labirinto** – Revista eletrônica do centro de estudos do imaginário. Ano VI, nº9, 2006. Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigo92>. Acesso em 07 out 2019.

DYSERINCK, Hugo. As fontes da teoria da négritude como objeto de estudo da imagologia literária. Tradução: Karola Zimber. In: SOUSA, C. R. (org.). **Imagologia: Coletânea de ensaios de Hugo Dyerinck**. São Paulo: Instituto Martius Staden, 2005. v. I. Disponível em: <https://www.rellibra.com.br/copy-of-imagologia-coletanea-de-ens>.

Acesso em: 16 fev. 2021.

DYSERINCK, Hugo. O problema das imagens e miragens e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada. Tradução: Karola Zimmer. In: SOUSA, C. R. (org.). **Imagologia: Coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck**. São Paulo: Instituto Martius Staden, 2005b. v. I. Disponível em: <https://www.rellibra.com.br/copy-of-imagologia-coletanea-de-ens>. Acesso em: 16 fev. 2021.

LEERSEN, Joep. Imagology: history and method. In: BELLER, Manfred; LEERSEN, Joep (org.). **Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters**. Amsterdam - New York: Rodopi B.V., 2007. cap. Introductory survey articles, p.17-32.

MOLL, Nora. **Imágenes del “otro”**: la literatura y los estudios interculturales. In: GNISCI, Armando (org.). **Introducción a la literatura comparada**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002. cap. VIII, p. 347-390.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: Imagologia, imaginário, polissistema. Trad. de Katia A. F. de Camargo. In: \_\_\_\_\_. **Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada**. Frederico Westphalen(RS)/São Paulo/Santa Maria(RS): EdURI/Hucitec/ EdUFMS, 2011. p. 109-127.

ROMERO, Manuel Sánchez. La investigación textual imagológica contemporánea y su aplicación en el análisis de obras literarias. **Revista de Filología Alemana**, Madrid, v. 13, p. 9-18, 25 out. 2005. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RFAL/article/view/RFAL0505110009A>>. Acesso em: 13 maio 2021.

SIMÕES, Maria João. Cruzamentos teóricos da imagologia literária: imagotipos e imaginários. In: **Imagotipos literários: processos de (des)configuração na imagologia literária**. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2011. pág. 9-53. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/28919>. Acesso em 07 out 2019.

SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro de. **Do cá e do lá: introdução à Imagologia**. São Paulo: Humanitas, 2004.

SOUSA, Celeste H. M. Ribeiro de. **Literatura e imagologia. Pandaemonium**



**germanicum**. São Paulo, n. 17, julho/2011, p. 159-186. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2011.1/0\\_Ribeiro\\_de\\_Sousa\\_Celeste.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2011.1/0_Ribeiro_de_Sousa_Celeste.pdf). Acesso em 03 out 2019.

WELLEK, René. A crise da literatura comparada. In: **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 108-119, 2011.